

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LETRAS/PROFLETRAS



# LENDAS E CONTOS INDÍGENAS DE DANIEL MUNDURUKU: PROMOVENDO A DIVERSIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA

ROSIVALDO DOS SANTOS RAMOS





---

R146c Ramos, Rosivaldo dos Santos

Contos indígenas de Daniel Munduruku : a diversidade cultural em sala de aula do ensino fundamental / Rosivaldo dos Santos Ramos. – Dourados, MS: UEMS, 2024.  
108 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Zélia R. Nolasco dos S. Freire.

1. Literatura indígena 2. Interculturalidade 3. Proposta pedagógica 4. Leitura

I. Freire, Zélia R. Nolasco dos S. II. Título

CDD 23. ed. - 809.898



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LETRAS/PROFLETRAS



## ELABORAÇÃO

Rosivaldo dos Santos Ramos

## ORIENTAÇÃO

Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire

## TÉCNICA

Designer: Fernando Akiito Moltocaró

## REALIZAÇÃO





## Rosivaldo dos Santos Ramos



Sou graduado em Letras pela Faculdade de Ponta Porã (2009). Graduação em Pedagogia Unifran (2017). Técnico em informática pelo IFMS (2016). Vários cursos na área da tecnologia e educação (TIC,s na educação, Elaboração de projetos, redes de aprendizagem, Cases de sucesso, Tecnologias assistivas). Especialização lato sensu em Educação, Pobreza e Desigualdade social pela UFMS(2017) e História dos Povos Indígenas pela UFMS (2017).

## Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire



Possui mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Título: A trajetória crítica de Lima Barreto na Literatura Brasileira, Ano de Obtenção: 2003 Orientador: Prof Dr. Igor Rossoni. Título: A Concepção de Arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: Divergências e Convergências. Orientador: Sílvia Maria Azevedo. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e ministra aulas na Graduação, Mestrado Acadêmico em Letras e Mestrado Profissional, ProfLetras. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura comparada, literatura brasileira, estudos literários, literatura e leitura. Como resultado de suas pesquisas publicou vários artigos e capítulos e os seguintes livros: Lima Barreto: Imagem e Linguagem, São Paulo: Annablume, 2005, Lima Barreto e a Literatura Comparada, ensaios. Paco Ed. 2011. Desenvolveu os seguintes projetos de pesquisa: A trajetória crítica de Lima Barreto, Discurso histórico e ficcional nos romances da Guerra do Paraguai, e atualmente com Manifestações literárias em Mato Grosso do Sul : análise e crítica. Coordenou de 2012 a 2016 o Programa de Formação de Recursos Humanos - PFRHPB, em parceria com a Universidade Petrobrás/RJ. Exerceu a função de Coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu , Especialização em Letras, de 2010 a 2012, do Curso de Letras de Dourados, exerceu a chefia da Divisão de Educação Profissional e Tecnológica(DEPT) DE 2009 A 2011, faz parte do Conselho Universitário da UEMS (COUNI) desde 2010, membro do Comitê de Pesquisa da UEMS, Área de Concentração Letras, Linguística e Artes, presidente da Comissão Docente Estruturante (CDE) DO Curso de Letras Espanhol.



Este trabalho consiste em apresentar uma proposta pedagógica e uma prática de leitura literária de textos literários de autores indígenas em sala de aula. Tem como objetivo valorizar a cultura e a literatura indígena, recomendar uma sequência didática para o uso da literatura indígena no ensino de Língua Portuguesa, promover o conhecimento da Lei 11.645/08 e seu impacto no currículo escolar.

## APRESENTAÇÃO

“Educar é, portanto, envolver. É revelar. É significar. É mostrar os sentidos da existência [...]. Não existe formatura. Quem vive o presente está sempre em processo” (MUNDURUKU, 2010).

Olá, me chamo Rosivaldo dos Santos Ramos, licenciado pela faculdade de Ponta Porã (FAP) em Letras (2009). Fiz uma segunda graduação em Pedagogia pela Unifran no ano de 2017). Sou Técnico em informática pelo IFMS (2016). Além de ter feito Vários cursos na área da tecnologia da educação: (TIC,s na educação, Elaboração de projetos, redes de aprendizagem, Cases de sucesso, Tecnologias assistivas). Sou especialista em duas áreas distintas, uma lata sensu em Educação, Pobreza e Desigualdade social pela UFMS (2017) e outra em História dos Povos Indígenas pela UFMS (2017). Nosso objeto de pesquisa surgiu após ter feito uma especialização na história dos povos indígenas, que realizada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Durante as leituras indicadas pela orientadora Dra. Valeria Calderoni, fui adquirindo conhecimentos acerca dos povos indígenas e sua relação com o mundo e seu modo de agir e de pensar, questões pertinentes foram trabalhadas ao longo do curso na Universidade Federal.

Partindo do pressuposto que temos que romper com essa tríade eurocentrismo- colonialismo-racismo por parte do colonizador, que trazemos a inserção da literatura indígena para o contexto da sala de aula, que teve uma visibilidade maior com a lei nº 11.645/08, pois ao ler textos taxados como marginalizados, que foram apagados pelo preconceito, descortinamos um outro mundo, repleto de novas formas de compreensão da vida.

O estado de Mato Grosso do Sul possui a 2ª maior população indígena do Brasil e nesse cenário observado no estado que elevar a literatura e conhecimento dos povos originários para o ambiente escolar é de extrema importância.

Estudos apontam que a população indígena de Mato Grosso do Sul é de 61.737 pessoas. Apenas uma aldeia, em Dourados, concentra 18% dos índios no Estado, com uma população de 11.146. Além dos povos Guarani-kaiowá existem outras etnias indígenas em nosso estado, como os Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié, Atikum e Camba (Vieira/IBGE,2016, p.57).

Desta forma, nosso projeto visa promover a inserção dessa temática em sala de aula, com o advento da lei 11.645/08, instituindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena nos estabelecimentos de ensino, temos como um dos objetivos desenvolver leitores competentes em leituras que perpassam os estilos eurocêntricos, que é produzida pelo colonizador.



## LENDAS E CONTOS INDÍGENAS DE DANIEL MUNDURUKU: PROMOVENDO A DIVERSIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA

**Área de concentração:** Linguagens e Letramentos  
**Linha de Pesquisa:** Leitura e Produção Textual:  
diversidade social e práticas docentes

**Orientadora:** Prof(a). Dr(a). Zélia R. Nolasco dos S.  
Freire

### Objetivos Principal



Apresentar uma sequência didática para o uso da literatura indígena no ensino da Língua Portuguesa nas aulas de Língua Portuguesa. Esse trabalho é sobre a literatura indígena e o texto selecionado foi: Como surgiu: mitos indígenas brasileiros, com isso inserimos uma intervenção prática por meio de uma sequência didática que propõe a leitura literária de mitos indígenas, tendo como corpus de leitura a obra de Daniel Munduruku: como surgiu mitos indígenas brasileiros onde o autor apresenta os mitos dos povos indígenas Apinajé, Tembé e Caiapó.

### Objetivos Geral



Propor o contato com a literatura indígena.

### Objetivos Específicos



- Valorizar a cultura e literatura indígena;
- Fazer uma sequência didática do uso da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa;
- Conhecer a lei 11.645/08 e suas implicações no currículo escolar;



# INTRODUÇÃO



Um pouco de minha trajetória como docente de Língua Portuguesa. As trajetórias de vida de professores são instrumentos importantes para dar voz aos docentes, ouvir o que escapou aos livros, suas vivências no cotidiano da sala de aula, os sentimentos e emoções experimentados.

O curso de Língua Portuguesa era uma antiga paixão desde os tempos do ensino médio, pois sempre fui um leitor assíduo e com grande entusiasmo para novas descobertas e somente com a leitura poderia alcançar outros horizontes.

Fiz inúmeros cursos na área de tecnologia no período de 2012 até 2020, dentre os quais se destacam: Curso Stop Motion; como utilizar o Movie Maker na educação; O Scratch no fazer pedagógico; Curso de curta duração em Robótica; Formação Continuada em tecnologia educacional; Educação Tecnologias e Cases de sucesso. Durante esse período ministrei cursos para os professores e técnicos que atendem as salas de tecnologias educacionais das escolas da rede estadual de ensino. Dentre os quais que se destacam: Curso de curta duração em Formação inicial para técnico de suporte em tecnologia; Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2020; Curso Stop Motion 2018; Curso WEB 2.0, os cursos foram oferecidos para profissionais da área da educação.

Para que meu trabalho como professor sempre fosse pautado na busca do conhecimento acabei por fazer outra faculdade: Pedagogia, em seguida fiz duas especializações, uma com a temática indígena e outra na área da educação, as duas foram oferecidas pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Como transitei nos vários setores da escola, percebi nessa minha jornada que sempre está faltando algo para completar o ensino e durante uma especialização que tive a oportunidade de cursar, com a temática indígena, que vislumbrei esse tema que ainda continua sendo um tabu no nosso meio acadêmico.

A literatura é um instrumento vital na formação escolar de adolescentes e crianças na educação básica, porque exerce diversas funções no espaço da sala de aula, desde letramento inicial até corroborar para reconhecer a diversidade cultural, social, política, religiosa e econômica de uma sociedade. Num país como o Brasil, que possui uma população composta por diversas etnias, a literatura pode ser o mecanismo de desconstrução de preconceitos e discriminação, resultado da colonialidade dominante em nosso sistema escolar. Apesar da lei 11.645/08 representar um avanço no reconhecimento da cultura indígena, o ensino da sua história e cultura ainda é apresentada aos estudantes de forma descontextualizada, vinculando a figura do indígena a noção de um índio genérico, ignorando a diversidade cultural que sempre existiu entre essas sociedades.

Introduzindo os textos de autores indígenas nas aulas, os professores corroboram para a descolonização do currículo escolar e do pensamento dos seus estudantes, assim poderão aprender sobre a diversidade de etnias presentes no Brasil. Ao elencar as possibilidades metodológicas de uso da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica, nosso objetivo é a construção da interculturalidade, a aceitação da cultura do outro, a construção de um diálogo. Deste modo, mais do que propor estratégias metodológicas para o uso da literatura indígena nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica, apresentamos uma alternativa de conhecer a riqueza étnico racial de nossa sociedade.

Portanto, nós como professores da educação básica temos que trabalhar esse letramento literário em sala de aula e a literatura tem esse poder de trabalhar a leitura e a escrita, principalmente quando é feita com o uso da literatura infanto juvenil. Desse modo, estamos contribuindo para aprimorar o processo de aprendizagem dos nossos alunos, passando pelo letramento literário, que só faz sentido quando resulta na transformação do educando em um protagonista do saber.



## POSSIBILIDADES



As práticas de leitura literária tornaram-se uma tarefa complexa a ser desenvolvida diante da oposição no discurso de alunos que consideram os textos enfadonhos ou muito difíceis de entender, principalmente no Ensino Fundamental, quando o texto atende a determinados objetivos e a capacidade de leitura é limitada, baseada em uma matriz que enfoca questões onde apenas o texto e seu autor são o foco da interpretação.

Educadores e pesquisadores que lidam com o ensino de literatura no Ensino Fundamental se deparam com dois grandes desafios: a lei e a resistência à implementação de leituras literárias. No entanto, são dois problemas aos quais a escola, apesar das grandes dificuldades que envolvem, não pode escapar e que tem de enfrentar.

Em primeiro lugar, é de grande importância reconhecer que a exposição a textos literários é essencial para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental até aos anos finais do Ensino Fundamental, pois essa atividade tende a diminuir com o decorrer do curso. Diante disso, o foco do ensino de português deve estar nas práticas de escrita e leitura, principalmente de textos literários, pois, como sugerem Aguiar e Bordini (1993, pp. 13-14), todos os livros favorecem os sentidos da descoberta, mas são os literários que o fazem de forma mais ampla.

No entanto, Zilberman (2009) lembra que a obra de ficção, enquanto imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, nunca é completa. A autora destaca que, ao contrário, sua estrutura, marcada por lacunas e pela situação inacabada e pelos personagens propostos, pede a intervenção de um leitor que preencha essas lacunas e dê vida ao mundo formulado pelo autor (ZILBERMAN, 2009).





Candido (2004), por outro lado, vê a literatura como um fator indispensável de humanização e, por isso confirma as características humanas subjetivas das pessoas, até porque ela atua amplamente no subconsciente e no inconsciente e, a seu ver, tem o caráter humanizador da literatura se efetiva nos diferentes traços do homem e nas mudanças que se fazem presentes na relação que ele passa a ter com a vida que o cerca. Segundo Candido:

A literatura é um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna, mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Desse ponto de vista, reiteramos o entendimento de Candido (2004) de que a literatura é um direito humano fundamental e como tal deve ser reconhecida como algo indispensável à vida de todos, conforme enfatiza ao afirmar que pensar em direitos humanos tem um papel primordial que é de: perceber que o que consideramos essencial para nós mesmos é essencial para os outros também.

Na perspectiva, então, de que a literatura é um bem essencial e um direito humano, a escola e suas práticas de leitura devem se posicionar compreendendo, como sugere (ZILBERMAN, 2009), a importância da leitura como aquisição da realidade processo, bem como a importância do objeto através do qual se materializa: a obra literária.

No entanto, é importante notar que introduzir o texto literário na sala de aula, especialmente, para as turmas do ensino básico, implica uma educação literária, não com o objetivo de desenvolver uma história, mas com o objetivo de expandir a capacidade de leitura dos alunos. Estudantes que não trabalham com o texto literário, apenas com estudos de épocas literárias, suas características estilísticas ou com meras resenhas de obras dos autores mais representativos de cada escola literária tem o conhecimento e a capacidade de interpretação limitados (BRASIL, 1998).

Ao identificar os mitos que cercam o ensino de literatura e visando reverter a insatisfação com a leitura literária, propomos um ensino baseado em uma concepção semelhante à de Zilberman e Silva (2008) em Literatura e pedagogia: ponto e contraponto, que entendem que o ensino de literatura não se limita à transmissão do patrimônio literário consagrado.





De fato, o ensino deve ter a responsabilidade de formar o leitor, e essa tarefa só pode ser realizada quando a leitura é concebida como uma atividade que oferece uma experiência única do texto literário. Entretanto, a escola e sua prática de leitura muitas vezes cometem o equívoco de tratar os textos para ensinar boas maneiras, hábitos de higiene, deveres cívicos, questões gramaticais, receitas obsoletas para a fruição dos textos, etc. (BRASIL/MEC, 1997).

Longe de meios como esses, que têm contribuído para a resistência dos alunos ao texto literário, a escola deve focar na formação de um leitor literário. Educação pensada para ajudar o leitor a apreciar as construções e significados, a utilizar estratégias verbais de cunho artístico, que faz parte de seus deveres e prazeres.

Uma tarefa bastante complexa, pois se por um lado grande parte da resistência é causada por fatores da sala de aula, por outro lado grande parte da solução também virá da prática realizada na escola, conforme aponta PCN (1997), que explica que a escola deve mobilizá-los internamente para desenvolver bons leitores, para torná-los bons leitores, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto ou o empenho pela leitura, pois aprender a ler exige esforço.

A leitura é algo interessante e desafiador, algo que, quando realizado plenamente, dá autonomia e independência. É preciso incutir nos alunos a autoconfiança, condição para que possam se desafiar a aprender fazendo (BRASIL, 1997).

Podemos perceber nas posições de Rojo (2000), Magnani (1991), Matos (1987) e Brasil (2008) a importância dada ao papel do professor como mediador no processo de leitura literária. Papel reconhecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio que afirmam que o estatuto do leitor e da leitura no âmbito dos estudos literários nos leva a dimensionar o papel do professor não apenas como leitor, mas como facilitador no contexto das práticas escolares da leitura literária.

Portanto, cabe à escola concentrar esforços para realizar atividades de leitura literária também no Ensino Fundamental, formar pessoas capazes de compreender a si mesmas, o mundo e a realidade que as cerca. Nesse sentido, Rildo Cosson, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em Educação pela Universidade Federal de Minas, ele escreveu diversos livros (Letramento Político: a perspectiva do legislativo; Escolas do Legislativo, Escolas de Democracia) afirma que não existem fórmulas prontas para ensinar literatura, isso é um fato.

Finalmente, visto que a sala de aula é muitas vezes a única forma de vivenciar a literatura, é preciso fazer esforços para realizar atividades de leitura literária e garantir a literatura como um bem essencial, inalienável e que todos tenham acesso, por meio da leitura de textos literários, o que contribui para a formação de estudantes capazes de compreender a si mesmas, o mundo e a realidade em que vivem.

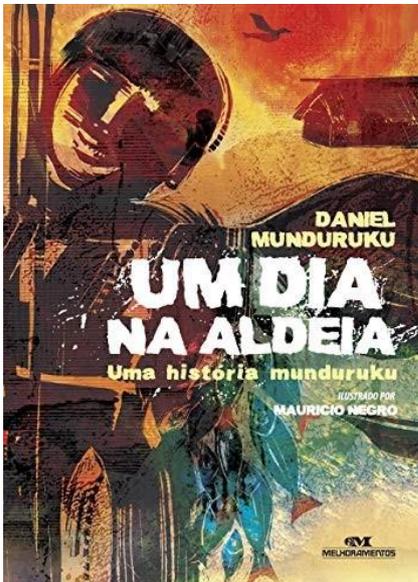




## LITERATURA INDÍGENA: SURGIMENTO



A década de 1980 foi um momento importante nesse sentido, uma vez que autores indígenas passaram a publicar seus conhecimentos e a expor suas perspectivas em obras literárias (FRANÇA; SILVEIRA, 2014).



A fuga daquilo que era considerado comercial e veiculado pelas grandes editoras do período, impulsionou a publicação e o lançamento de diversos títulos e gêneros considerados atípicos sob o prisma comercial. A literatura marginal brasileira, sobretudo na década de 1970 pavimentou um caminho que de alguma fez brotar uma cultura que não era popular e com isso acabou ficando a margem do que era tido como belo e bonito e por isso que textos de autoria indígena não eram publicados até então. Desse modo, passaram a ser publicados, dando voz a quem historicamente não a possuía, como no caso dos indígenas pelos idos da década de 1980 e 1990 (JACOB, 2020).

Nos anos de 1990 pulsaram os primeiros acordes dessa literatura, que teve início antes mesmo do domínio literário dessas etnias entre os povos indígenas e ganhava maior visibilidade com o aumento das publicações, mas muito antes disso já existia o desejo de autoria e muito antes do surgimento do país de hoje, os contos dos povos já circulavam nas aldeias e passavam de geração em geração. Percebe-se que o momento era propício para o surgimento da literatura indígena, de forma a fazer ecoar uma perspectiva antes inexistente sobre aquele que se viu retratado de formas caricatas e ou folclóricas por autores como José de Alencar e ou Gonçalves Dias (BRITO; SOUSAFILHO; CÂNDIDO, 2018).





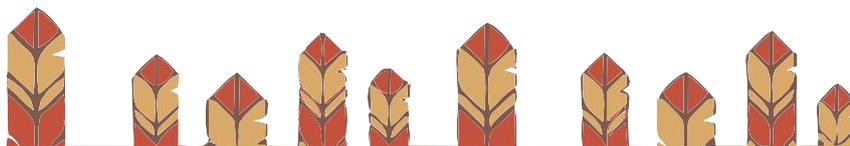
O investimento estético na figura do indígena realizado pelos românticos brasileiros foi fundamental para o processo de emancipação da arte nacional, mas pouco contribuiu para o reconhecimento do valor autônomo da tradição oral da cultura ameríndia. Muito ao contrário: no texto que nossos intelectuais legitimaram como documento inaugural do Romantismo – o “Ensaio sobre a história da literatura no Brasil”, publicado por Gonçalves Magalhães em 1836 –, os primeiros povos desta terra são declarados “raça extinta”. Do mesmo modo, José de Alencar desaparece com os índios da paisagem tropical no afã de poder afirmar um passado lendário ao Brasil. Para que Peri e I Juca Pirama fossem Ulisses, Édipo ou Lancelot, os românticos extinguíram os nativos de sua terra pela segunda vez (BRITO; SOUSA FILHO; CÂNDIDO, 2018, p.177-178).

França e Silveira (2014) ressaltaram no artigo citado anteriormente que o surgimento da literatura indígena de modo geral, é importante para a preservação de elementos culturais e perspectivas que apenas o próprio indígena poderia ter e exercer:

Esse movimento iniciado no final do século XX vem ampliando a possibilidade de transmissão de conhecimento e interação social e política entre os povos indígenas e a “sociedade nacional”. A literatura escrita indígena vai além da publicação de livros com a temática indígena. Ela contém a possibilidade de autorrepresentação de povos que por vezes foram mantidos em categoria secundária no panorama político e cultural nacional (FRANÇA; SILVEIRA, 2014 p.71).

Existem muitas possibilidades de trabalhos sobre a literatura indígena, dentre tais possibilidades está o trabalho com textos em sala de aula, devemos considerar a capacidade e a possibilidade de proporcionar uma melhor compreensão do outro, como em um trabalho de exercício de empatia e de entendimento de realidades que talvez sem a literatura indígena, muitas pessoas não teriam acesso (SOUZA, 2015).

Julie Dorrico, escritora, pesquisadora e curadora de literatura indígena, descendente do povo Macuxi, explica que apesar de cronologicamente ainda muito recente, principalmente, quando comparamos com todo o movimento literário anterior, a literatura indígena atual representa um importante marco histórico, no sentido de dar voz a quem historicamente foi silenciado, pois se tornou um fenômeno cultural e um movimento literário a partir da década de 1990. As décadas anteriores fizeram raras edições publicadas de autores nativos, ficando clara a condição de esquecimento desse povo e de suas narrativas (DORRICO, 2018).





A partir de um documento isolado, pode-se obter somente a transmissão de seu conteúdo. Entretanto, se estiver envolvido em relações de significados será possível expor ao máximo o seu potencial informativo. Dessa forma, considerando cada Biblioteca (ou Unidade de Informação) como sistemas que vão muito além do significado etimológico da palavra - que se refere somente à guarda de livros -, é necessário que haja uma organização lógico- -semântica capaz de controlar todo esse ambiente (FRANÇA; SILVEIRA, 2014 p.71).

Além das questões literárias que por si já são esplendorosas, a ideia de ter indígenas cada vez mais realizando publicações nas esferas históricas, políticas e sociais não é menos grandiosa do que a produção literária, haja vista que as gerações futuras estarão munidas de documentos e obras que desempenharão as funções de preservação e de legado sobre os modos e a cultura indígena.

No sentido de compreender o indígena e sua cultura por meio da interpretação de sua literatura, é que o presente capítulo abordará alguns importantes autores indígenas de modo a contextualizar o autor Daniel Munduruku e sua obra literária: “Como surgiu – Mitos Indígenas Brasileiros” (MUNDURUKU, 2011).

## Autores indígenas



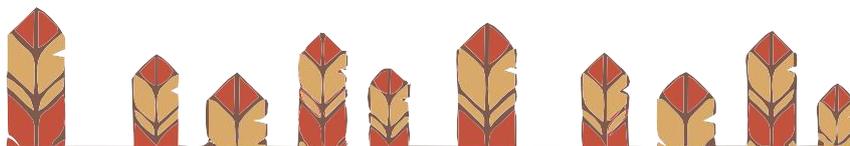


Dentre alguns dos principais autores indígenas autodeclarados, estão: Graça Graúna, Bino Pankararu, Olívio Jekupé, Douglas Diegues e o próprio Daniel Munduruku. Além de uma quantidade considerável de autores, há ainda uma porção de eventos, saraus e autores que atuam como comentadores em eventos e acerca de obras literárias, como visto abaixo:

(...) há uma agenda de saraus de literatura indígena, os quais são promovidos anualmente, desde 2009, pela Casa das Rosas com curadoria de Deborah Goldemberg (Goldemberg e Cunha, 2010); · uma rede de comentadores de literatura indígena foi formada, com os professores Maria Inês Almeida (Universidade Federal de Minas Gerais), Pedro de Niemeyer Cesarino (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Sergio Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina); · estabeleceram-se prêmios e concursos como o Prêmio de Literaturas Indígenas das Américas, o Concurso Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas (promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ) e o Prêmio Comunidades Indígenas (Governo de Minas Gerais); · a literatura indígena brasileira foi recebida como uma literatura de relevância na 35ª Edição do Salão do Livro de Paris, em 2015, quando o Brasil foi o país homenageado, tendo, dentre os autores brasileiros participantes convidados, três representantes da literatura indígena (Daniel Munduruku, Davi Kopenawa e Cristino Wapichana); · a literatura indígena participa da rede de traduções que compõe o que se convencionou chamar de “República das Letras”: Daniel Munduruku, por exemplo, de seus 45 livros, teve dois traduzidos para a língua inglesa (BRITO; SOUSA FILHO; CÂNDIDO, 2018 p.183).

Nota-se que a expressividade da literatura indígena do presente se faz marcante não apenas por seus diversos autores, mas também pelos eventos e demais atividades que compõem uma agenda cultural literária que toma importância justamente por fomentar novos autores e futuras novas produções literárias do gênero. Nesse sentido, a literatura indígena se faz essencial para uma desconstrução de narrativas eurocêntricas, que de alguma forma valorizam o papel do colonizador e sua figura em detrimento dos povos originários (BRITO; SOUSA FILHO; CÂNDIDO, 2018).

Graça Graúna não apenas como indígena é marcante na literatura, mas também enquanto mulher indígena, carregando importante missão, a autora se junta à outras mulheres indígenas de nações distintas como as autoras: Julie Dorrico, Aline Kayapó, Shirley Djukurnã Krenak e Márcia Wayna Kambeba, para compor uma importante expressividade literária feminina e indígena em nosso país.



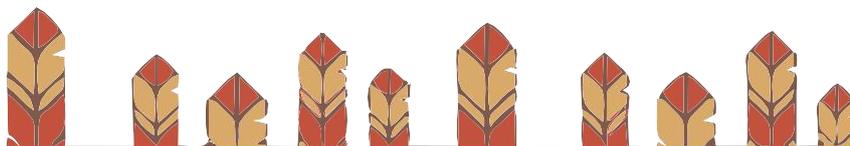


De modo geral, os autores indígenas trazem elementos de valorização de suas culturas em suas obras. Evidenciam as características de seu povo e se prestam em suas obras literárias a descrição singular daqueles que de fato vivenciam a cultura indígena. Para Douglas Diegues; poeta de vanguarda, considerado um escritor de destaque sobre as poéticas de povos indígenas do Brasil; a literatura indígena é um direito adquirido e deve ser exercido, utilizada como uma ferramenta de emancipação de seu povo, no sentido de ocupar e exercer seu lugar de fala por meio da literatura (DIEGUES, 2016).

Os autores indígenas vão evidenciar a sua cultura oral nos seus textos. A presença do sobrenatural, da natureza, da fauna e do sagrado. Também por isso os autores são tão importantes, pois quebram com uma tradição, a oral e ao mesmo tempo reforçam uma tradição literária que beneficia a difusão cultural dos povos originários, como alguns autores da etnia Pankararu, um deles é Sérgio Gonçalves Ramalho, experiente na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa (Letramento, Gêneros Textuais, Produção de textos e Revisão de textos) e Literatura Brasileira, em sua dissertação *Leitura literária de Lendas Indígenas*, fala que:

Para esses indígenas, o cultivo da memória e da alteridade como elementos fundantes da sua identidade, se fortalece, desde os primeiros anos de vida, como herança cultural. Nesse sentido, quando suas lendas não apresentam autoria individual, mas coletiva, elas querem transmitir a ideia de fortalecimento identitário, pois, mesmo que as suas lendas tenham sido escritas por um grupo de professores e lideranças das aldeias, todos da comunidade são responsáveis pela autoria coletiva desses textos. Esse senso coletivo de autoria está ligado, por sua vez, à preservação da memória coletiva desse povo (RAMALHO, 2020, p. 50).

Fica evidente que a missão do autor indígena vai além de uma satisfação e ou realização pessoal. Na verdade, como podemos observar no fragmento acima, a preservação da memória, a sua difusão, se trata de um bem coletivo e não de uma missão meramente individualista. Assim, a literatura indígena e seus representantes, trazem contextos, culturas e lendas de representatividade coletiva e não do indivíduo.





## Daniel Munduruku



O escritor indígena Daniel Munduruku nasceu em 28 de fevereiro de 1964, em Belém (PA), é escritor e professor. Nas décadas de 1970 e 1980, ele lidou com todos os preconceitos de um povo indígena. De menino educado em escola missionária, passou a ser um dos principais autores da literatura indígena brasileira, com 42 livros publicados.

Graduado em Filosofia, com graduação em História e Psicologia. É mestre em antropologia social e doutor em educação pela Universidade de São Paulo. Também é pós-doutorando em Letras pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e membro da Academia de Letras de Lorena (SP). Já esteve em vários países da Europa, participando de eventos e ministrando oficinas culturais para crianças.

Munduruku participa ativamente de palestras e seminários enfatizando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira. Durante sua jornada leu diversas leituras que contribuíram para sua formação acadêmica e espiritual e essa variedade de leituras o ajudou a ser quem é hoje. Com isso o autor preserva sua cultura, a indígena, em dezenas de livros, sendo que a maioria foi aceita no ensino fundamental como paradidáticos.

Ele é considerado o principal representante de um gênero que ainda está em sua infância. A obra "Índio" publicada pela Companhia das Letrinhas, em 1996, já vendeu mais de sessenta mil exemplares e está em sua 16ª edição. Suas obras tratam não apenas da tradição e dos valores indígenas, mas também do respeito à natureza e à vida comunitária e podem ser consideradas atuais por tratar dos dilemas da civilização, questões que enfrentou desde criança, a começar pelo seu próprio nome de origem europeia Daniel Monteiro Costa, depois adotou a denominação de seu povo como sobrenome, Mundukuru.





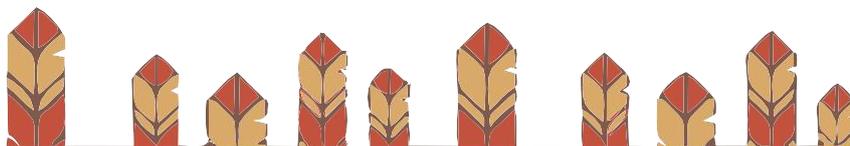
Assim, passou seis anos no seminário, onde se formou em Filosofia, com especialização em História e Psicologia. Um de seus principais trabalhos é “O Banquete dos Deuses” publicado no ano 2000, na qual conta a história de um professor que encontra ferramentas para combater o preconceito sobre os povos indígenas, sobretudo, trata da importância do respeito à variedade cultural.

Daniel Munduruku é autor de livros premiados no Brasil e no Exterior. Recebeu o Prêmio Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Érico Vanucci Mendes (CNPq), e o Prêmio Tolerância (UNESCO), além de ter diversos livros agraciados com o selo altamente recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Como escritor, Daniel Munduruku se dedica à Literatura Infantil. É o escritor indígena que mais publicou até o momento, entre suas obras, destacam-se: Você lembra pai? (2000), Sabedoria das Águas (2004), Contos indígenas (2005), Coisas de Índio (2000), Crônicas de São Paulo (2011), O diário de Kaxi (2001), Como Surgiu: Mitos Indígenas brasileiros, O banquete dos deuses (2000), Meu avô Apolinário (2001), entre outros.

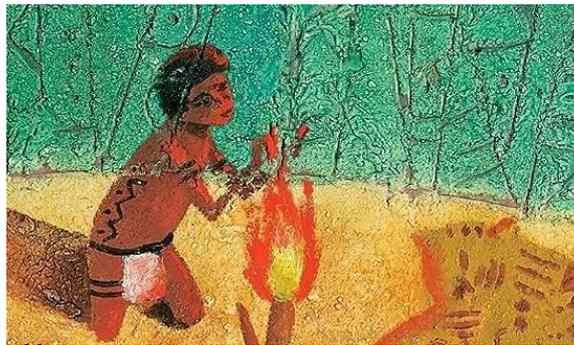
De acordo com informações concedidas pelo próprio Munduruku em seu blog o primeiro texto que tornou público escreveu aos 15 anos de idade, segundo ele, foi um texto sobre a Páscoa, imprimiu em um mimeógrafo e distribuiu pela comunidade. Efetivamente começou a publicar em 1996, quando lançou “Histórias de índio”, uma obra que surpreendeu o mercado livreiro por ser a primeira vez que um indígena publicava um texto voltado para o público infanto-juvenil não indígena.

Autor de mais de quarenta livros, Daniel Munduruku vê na escrita um meio para aproximar as culturas indígenas, buscando estender o conceito de literatura às danças, músicas e ritos. Ao analisar a escrita do autor em “Histórias de índio”, é possível perceber que há uma preocupação em mostrar a importância dos saberes dos ancestrais, sua vitalidade e visa mostrar também como os brasileiros, que são também indígenas na sua essência, ignoram as tradições fundadoras de sua própria identidade.





## COMO SURTIU MITOS INDÍGENAS BRASILEIROS

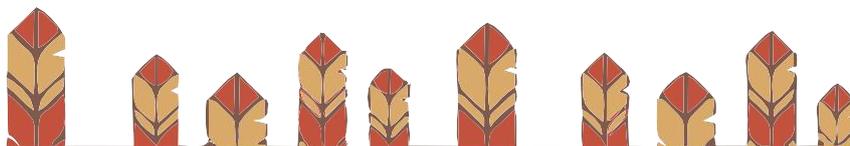


Escolhemos os textos de Daniel Munduruku sobre a literatura indígena por serem significativos para a cultura dos referidos povos indígenas, pois contêm elementos característicos da lenda indígena como a autoria coletiva, a linguagem gráfica, a valorização da natureza, o elemento milagroso, além de temas como memória, identidade, alteridade e respeito pelo sagrado.

Os mitos indígenas podem ser uma forma de sensibilizar os alunos mais novos para questões relacionadas com a natureza, relação com a terra e os animais. Para o docente a contação de histórias é a melhor forma de trabalhar o conteúdo no Ensino Fundamental. Os mitos indígenas são narrativos orais que passam de geração em geração e funcionam como um repositório de conhecimento. No livro *Os Filhos do Sangue do Céu E Outras Histórias Indígenas de Origem* de 2005, o autor 3 mitos sobre o surgimento: do milho (povo Apinajé), da mandioca (povo Tembé) e do fogo (povo Caiapó).

Em *Como surgiu o milho* conhecemos um lindo mito do povo Apinajé (do Tocantins) que traz a história de um jovem e triste viúvo que passava suas noites a olhar o céu. Numa noite, ao encantar-se com uma estrelinha, fica imaginando como seria bom se ela viesse lá das alturas a fim de confortá-lo em sua dor. Pois, é exatamente o que acontece, e a estrela ganha as formas de uma bela moça chamada Candiê-Cuéi (Candiê quer dizer estrela e Cuéi, feminina) (MUNDURKU, 2005).

Candiê-Cuéi é quem apresenta os tubérculos como a batata e o inhame ao viúvo, que acha tudo muito saboroso. Naquele tempo os Apinajés não sabiam cultivar a roça e logo a moça irá introduzir o brilho dourado – e o sabor maravilhoso – do milho na vida da aldeia. Louvando mais um alimento extraordinário de nossas terras.





Como surgiu a mandioca é um mito do povo Tembé (dos Estados do Pará e Maranhão) e fala do poderoso pajé Maíra ensinando o plantio da mandioca. Ele transforma a roça de camapu (também chamado de physalis) em maniva (mandioca) e ensina o roceiro como proceder. Ao entrar na casa, Maíra ordena que o homem volte e busque a mandioca para prepararem a saborosa bebida manicuera. (MUNDURKU, 2005).

O homem não acredita no pajé, seria impossível que a mandioca já estivesse brotando! O pajé, por sua vez, amaldiçoa a falta de fé do homem e o condena a colher a mandioca apenas uma vez por ano.

Como apareceu o fogo é um mito da tradição Caiapó (que vive no sul do Pará e tem uma população de aproximadamente nove mil pessoas) e conta a história de um menino adotado por um pai onça. A criança passa um tempo com o pai onça, que lhe presenteia com o calor do fogo e também o ensina a caçar e a manejar o arco-e-flecha. O pai onça permite que o menino retorne aos Caiapós, seu verdadeiro povo e promete que lhes ensinaria a fazer o fogo (MUNDURKU, 2005).

Depois de muitas aventuras o menino consegue retornar à sua aldeia e leva os parentes para conhecer o pai onça e aprender a dominar o fogo. Lindo o trecho em que o pai onça entrega o fogo ao seu filho de criação e o menino passa a tocha à anta, que fora escolhida como a carregadora do fogo. Que imagem, uma anta carregando uma tocha através da floresta, seguida pelos Caiapós e também pelo atrapalhado pássaro jacu, que engole uma brasa e por esse motivo tem a garganta cor de fogo até hoje.

Como os textos indígenas costumam ser acompanhados por ilustrações, trabalhar o mito a partir dessas imagens também é uma forma de levar certos temas para a sala de aula, o que contribui para que as crianças percebam que a diversidade cultural existe e é necessário o respeito e convívio. Além disso, é importante entender como a literatura, a política, a ideologia, a cultura e a linguística são pontos que se articulam e aparecem nos mitos de alguma forma, seja no título, na imagem ou no significado por trás daquela história.





## LITERATURA INDÍGENA no contexto da sala de aula



Daniel Munduruku

*“Escrevo para me manter índio”.*

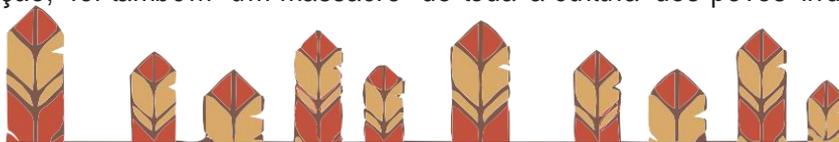


A inserção da Literatura brasileira e o estudo da sua cultura na educação básica somente passaram a ser obrigatória a partir do ano de 2008, mas pouco se sabe sobre os povos indígenas do país. Entre os conteúdos produzidos sobre o assunto, a maior parte foi escrita nos grandes centros urbanos por pessoas da sociedade ocidental.

Ainda é difícil encontrar livros de autoria indígena nas escolas brasileiras, além da falta de obras de cunho indígena, os docentes muitas vezes acabam sucumbindo ao currículo e não fazem a inserção de obras literárias escritas por indígenas em seu cotidiano escolar, dificultando ainda mais o conhecimento dos discentes da existência de textos literários escritos pelos indígenas, com isso o nosso aluno fica sem conhecer essa escrita.

A produção de textos indígenas ajuda a recontar a história do Brasil a partir de uma perspectiva diferente da narrativa oficial. É nisso que acredita Kaká Werá Jecupé, escritor, professor, ambientalista e conferencista indígena brasileiro do povo tapuia, em contraste a essa atitude etnocêntrica, a literatura indígena lança um olhar diferente sobre esse episódio desumano, mostrando sentimento de tristeza e decepção.

Acontece, repetidamente, esse tipo de ensino em sala de aula, e esse ciclo tem que ser quebrado, porque o que aconteceu há 500 anos não foi só uma colonização, foi também um massacre de toda a cultura dos povos indígenas.





Quando os europeus desembarcaram aqui encontram os povos que falavam a língua tupi, como os Tupinambá - povo forte e guerreiro que fez frente a muitas formas de escravidão. Foi por isso que essa língua acabou ganhando contornos grandiosos na cultura brasileira, uma vez que foi a mais conhecida, estudada e falada pelos primeiros colonizadores, chegando, mesmo, a ser a língua mais falada no Brasil até o século XVIII, quando o Marquês de Pombal decretou sua proibição (MUNDURUKU, 2009, p.39).

Outro aspecto importante a se levar em conta na hora da leitura é a identificação das características das culturas indígenas que existem em nossa própria cultura e que isso é extremamente fundamental para valorizar a importância da identidade cultural e social e do pertencimento a um determinado grupo, entender porque poderíamos dizer que temos uma linhagem, um passado, uma tradição que tem que ser continuada, costurada, todos os dias. (MUNDURUKU, 2009, p.16).

Mas mesmo depois de tantos anos de lei e com a obrigatoriedade de incluir os conteúdos acima no currículo escolar, existe um certo desconhecimento por parte dos professores e gestores escolares sobre a história e culturas dos povos indígenas; e, portanto, também suas produções artísticas e literárias.

Como forma de resistência cultural por meio da oralidade, destinada a transmitir os costumes e valores de cada povo, a literatura indígena alcançou a forma escrita para além das tribos e aldeias, atingindo leitores não indígenas, principalmente, crianças e jovens.

Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas (GRAÚNA, 2013, p.55).

Por muito tempo, a literatura indígena foi marginalizada, pois textos com diferentes modalidades, linguagens e texturas não caberiam, portanto, no estilo de escrita padrão literário outrora padronizado pela cultura ocidental, porém, em um país multicultural e multiétnico como o Brasil, a literatura indígena vem ganhando visibilidade e o reconhecimento de seus autores ( THIEL, 2012 ) . Quando os professores trabalham com temas sobre os povos indígenas, muitas vezes partem de perspectivas europeias, uma maneira de evitar erros e desperdícios de experiência nesse exercício de ser diferente.

No âmbito escolar ainda hoje os educadores se depararam com a ausência de subsídios que elencam a cultura e literatura com a temática indígena, no entanto, espera-se que essa proposta contribua para que isso mude, pois temos que ir rompendo com esse preconceito que está intrínseco no ambiente de sala de aula. Assim, pode-se dizer que ainda falta conhecimento da cultura literária indígena.





Vários fatores contribuem para o desconhecimento da literatura indígena brasileira. Embora a produção de obras indígenas no Brasil esteja em crescimento desde a última década do século XX, com autores de várias etnias sendo reconhecidos através de premiações pela qualidade de sua produção literária, a circulação dos textos indígenas brasileiros é ainda reduzida se comparada àquela das publicações de autores indígenas norte-americanos. Mesmo havendo publicação de contos, poemas, crônicas, textos de diversos gêneros, poucas são os leitores que leem estes textos como obras literárias eles buscam mais o elemento exótico que torna a identidade do autor objeto de curiosidade (THIÉL, 2013, p. 117).

Os autores indígenas na sua escrita carregam o que tem de mais importante em seus povos, como os costumes, as rezas, as lendas, os mitos, e segundo Graúna (2013, p. 83), eles “são formadores de opinião”, os escritores indígenas são os guardadores dos costumes de seu povo, o que verificamos em seus livros é a importância da valorização desse tipo de conhecimento, com isso a leitura torna-se uma leitura agradável, que acabamos aprendendo uma cultura nova, fazendo valer a diversidade cultural de um povo.

Os manuais geralmente apresentam a existência de nativos, particularmente aqueles ligados a um passado distante na história. O ponto de vista destacado nas narrativas é o da cultura ocidental, portanto desconhecem a diversidade e pluralidade cultural desses grupos. Como resultado, as comunidades nativas são socialmente inferiores e desvalorizadas.

Muitas obras de literatura indígena estão escritas para que essa negociação se efetive, que alcance as instituições de ensino e não passem despercebidas nas prateleiras da biblioteca, chegando à mão do professor que saberá exatamente o que precisa fazer e dará sua contribuição à arte e seu objetivo.





## TEXTOS INDÍGENAS possibilidades literárias



Faz-se necessário ensinar não só sobre os indígenas, mas também a verdadeira história dessas etnias, com o objetivo de contribuir para a valorização desses povos, por tanto tempo silenciados e desvalorizados. Isso nos leva a uma educação plural, inclusiva e multicultural no sistema educacional brasileiro.

Neste contexto, a literatura é uma importante ferramenta neste processo de ensino. Através da literatura pode-se representar tradições, peculiaridades e principalmente, a visão de mundo dos povos indígenas, além de incutir nos alunos de forma dinâmica e lúdica a curiosidade e maior apreço pela leitura, conhecimento e história dos povos indígenas.

Com a literatura indígena brasileira os povos originários são levados para um local de destaque no cenário nacional, com isso ocorrerá a transformação para esses povos, que sempre foram tratados como ágrafos, selvagens, preguiçosos, enfim estereotipados pela sociedade em geral. O escritor indígena com sua escrita visa buscar uma vida melhor para sua etnia, uma literatura que promulgue dias de prosperidade e convicção do seu espaço aqui no nosso Brasil.

Além da interdisciplinaridade do ensino, a temática indígena possibilita um olhar crítico e reflexivo dos alunos diante da narrativa literária, ou seja, um aprofundamento adicional do conhecimento sobre os índios brasileiros, também possibilita a capacidade crítica do aluno, de modo que as obras funcionem como veículos de expressão e releitura dos significados das narrativas. Nas palavras de Amorim e Freire (1998, p. 45):

A exemplo das demais formas artísticas, os textos literários nos fornecem pistas sobre os modos de ser, de estar, de sentir, de agir e de pensar de uma sociedade na qual esses escritos se originam e com a qual se comprometem criticamente, posto que o escritor não é indiferente à sua cultura (FREIRE, 1988, p. 5).





A literatura é um elemento, um mecanismo construtivo, pois é complexa e envolve estigmas culturais, sociais, ideológicos, etc., conferindo ao leitor um dinamismo que lhe permite inferir diferentes contextos e interpretações. Contribui de uma forma muito eficiente para promover a imaginação, a reflexão, a análise social e política. Dessa forma, a literatura ajuda a apreender a realidade de forma comum e/ou particular.

O professor pode e deve trabalhar esse tema em sala de aula e despertar nos alunos a curiosidade de explorar a diversidade linguística sob a ótica indígena. Também é importante discutir as mudanças culturais pelas quais os povos indígenas passaram por meio do contato com outros povos, como os europeus.

Uma abordagem de política pública para incluir e proteger os povos oprimidos também seria uma abordagem alternativa e construtiva. No entanto, a maioria dos professores não tem uma vasta experiência no ensino de história e cultura indígena. Portanto, os professores precisam reconsiderar sua prática em sala de aula.

Dessa forma, deve-se mostrar que os povos indígenas não vivem como em 1500, ou seja, estão integrados e participativos na sociedade atual, a integração na sociedade e a troca com outras culturas são importantes para reafirmar seus valores, sua historicidade, sua cosmologia.

Vale destacar alguns exemplos de textos literários que podem ser utilizados em sala de aula para o ensino da literatura e cultura indígena, a saber: poemas, poesias, contos, paródias, cordel, fábulas e outras narrativas.





## PROPOSTA DE INTERVENÇÃO descrição das sequências didáticas



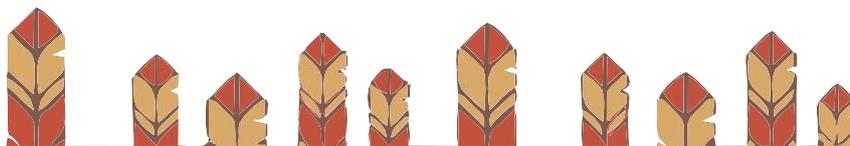
O objetivo da nossa intervenção através da sequência expandida é fazer a inserção dos textos literários indígenas em sala de aula, fazer um trabalho dentro da escola com a literatura indígena, ampliar o leque da educação literária a partir da leitura de alguns mitos de três etnias diversas, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica, por meio de uma intervenção didática que ficará como referência para estudos posteriores de como inserir a cultura literária dos povos indígenas no ambiente de sala de aula.

Nossa sequência didática expandida que foi elaborada a partir da leitura da obra de Rildo Cosson (2014), essa sequência elenca sete momentos distintos: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão. Optamos em dividir a sequência em dinâmicas e etapas, portanto cada dinâmica terá um objetivo definido e o que queremos ao final da intervenção.

A sequência expandida I: nesse primeiro momento o professor deverá imprimir vários mitos e lendas indígenas de inúmeras etnias e distribuí-los aos alunos que estão participando da pesquisa. Ao fazer isso, podemos estimular a motivação que é o primeiro estágio da sequência expandida, logo após pediremos que escreva em seu caderno as partes relevantes que tenha encontrado no texto lido. Segundo Cosson (2014), uma forte motivação é essencial para o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra.

Os alunos envolvidos farão uma leitura subjetiva e discutirão quais emoções e aprendizagens o texto evocou; discutirão sobre a interpretação da lenda a partir da identificação de características da lenda; A contextualização será feita pelos participantes com base nas questões colocadas; leitura ampliada por meio de questionamentos referentes à cultura indígena.

A proposta prevê várias etapas que exigem um ensino de literatura mais eficaz e significativo, dando aos alunos a chance de transformar sua leitura em algo completo e significativo, além de promover a educação literária. A nossa intervenção foi dirigida a uma turma do 9º ano, mas não quer dizer que nossa proposta se limite a trabalhar somente com turmas de 6º a 9º ano do Ensino fundamental.





**1**

## **Saci – Pererê e contos do Curupira**

O objetivo da sequência expandida é ativar o conhecimento prévio sobre o mito indígena e aproximar os estudantes das matrizes indígenas a partir de suas percepções sobre suas próprias identidades.



**2**

## **Como surgiu o milho**

A sequência expandida tem por objetivo exercitar a leitura literária, identificar características das lendas e mitos e refletir sobre temas da cultura indígena.



**3**

## **Como se Originou a Mandioca**

O objetivo da leitura e do texto do Mito é identificar suas características, refletir e discutir questões relacionadas com as culturas indígenas.



**4**

## **Como Surgiu o Fogo**

A sequência expandida tem como objetivo exercitar a leitura literária, reconhecer características do Mito e fazer com que nós possamos refletir sobre temas culturais da etnia caiapó: mudou?



# 1

## Saci – Pererê e contos do Curupira

O objetivo da sequência expandida é ativar o conhecimento prévio sobre o mito indígena e aproximar os estudantes das matrizes indígenas a partir de suas percepções sobre suas próprias identidades.

**D**uas aulas estão programadas para acontecer no tempo estipulado; Textos de referência incluem “Saci Pererê” e a lenda do Curupira: o tema sugerido para possíveis discussões sobre autoria indígena e identidade indígena; Estratégias de organização espacial da sala de aula em um semicírculo.

### PRIMEIRO MOMENTO

(I Dinâmica): Iniciaremos entregando a cada aluno um envelope lacrado contendo os dois textos impressos, criaremos uma dinâmica em que o aluno possa determinar a qual personagem cada texto está relacionado.

Proporemos a dinâmica a partir dos personagens do Saci – Pererê e contos do Curupira. Como estávamos lidando com figuras culturais indígenas, não anteciparemos essas informações e deixaremos que nossos próprios alunos liguem o mistério do personagem a elas.

Orientação: Caros alunos façam a leitura da lenda e fiquem atentos às partes da nossa dinâmica em voz baixa. O próximo passo é descobrir “Quem é o personagem?”. Assim que tiver resolvido a questão, você pode dizer ao grupo verbalmente o que eles são. Este é um momento crucial porque preparará o terreno para a próxima dinâmica que virá.

**Dinâmica 1:** Farei a entrega de um texto em que segue falando sobre uma pequena criatura negra que vive em uma floresta e é conhecido por suas farsas possui apenas uma perna com a qual se move rapidamente. Também é conhecido por não ter pelos no corpo, inclusive na cabeça, usa uma touca vermelha e fuma cachimbo.

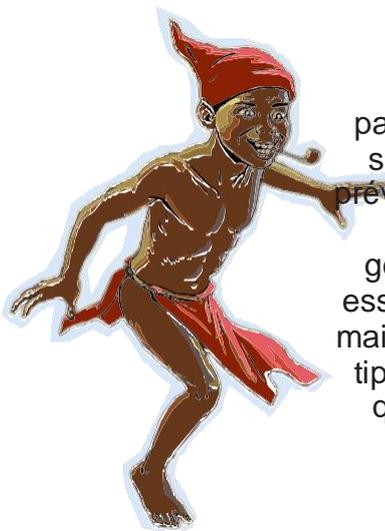
**Dinâmica 2:** Na sequência entregarei outro texto que fala sobre um ser que tem seu corpo laranja-avermelhado, dentes verdes, baixa estatura, cabelos e pés castanhos ao contrário. Além disso, ele se destaca por sua tremenda força física, atuando como protetor da floresta contra qualquer tentativa de destruí-la e sendo muito temido pelos nativos, ele também gosta de receber presentes de tabaco e álcool.



SEGUNDO MOMENTO

**(Mobilização do conhecimento prévio):**

Instruções: Agora que você pensou nas possibilidades de resolução das dinâmicas, tente memorizar essas passagens com base no seu conhecimento prévio e responda: Que tipo de texto geralmente contém esses caracteres? O que mais você sabe sobre esse tipo de texto? Você sabe quem escreveu essas lendas?



TERCEIRO MOMENTO

Faremos no Datashow em sala de aula exposições de imagens de indígenas em outros ambientes que não seja a aldeia, cenários diversos exercendo outras atividades que os alunos desconhecem para instigar o que virá no próximo momento. Caros alunos: Preste bastante atenção nas respectivas imagens em destaque e responda às seguintes questões: O que você vê em cada imagem? O que as pessoas estão fazendo, exatamente? Como você estão vestidos? Que reações você teve quando viu as fotos individuais? (Espanto, surpresa, Descaso, Distanciamento Cultural, Afinidade). Quem são as pessoas nas fotos? Essas pessoas são indígenas ou não?



# 2

## Como surgiu o milho

A sequência expandida tem por objetivo exercitar a leitura literária, identificar características das lendas e mitos e refletir sobre temas da cultura indígena.

**D**uas aulas estão programadas para acontecer no tempo estipulado; Materiais de referência: uma descrição de **Como surgiu o milho**; O tópico sugerido para possíveis discussões é "memória e identidade indígena". Ouvir relatos dos alunos sobre os sentimentos que eles tiveram durante a leitura. Faremos discussões e relatos orais sobre o texto lido e comentários sobre as questões pertinentes, com registros escritos guardados no caderno de cada aluno para compartilhar as respostas.



### PRIMEIRO MOMENTO

Caros alunos, após a leitura do Mito Como surgiu o milho, faremos algumas perguntas que servirão de base para a reflexão sobre o texto e para a troca de ideias entre vocês. O momento de socialização ganha muito com o registro escrito das falas feitas no caderno, ainda que possam ser feitas oralmente. Ao refletir e debater com seus colegas, siga o seguinte formato:

Que emoções a leitura do Mito do povo Apinajé despertou em você? Estranhamento? Inquietação? Distanciamento das culturas? Curiosidade? Alteridade?



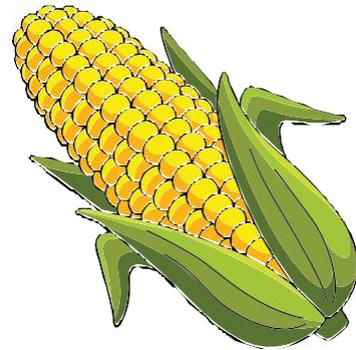


### SEGUNDO MOMENTO

Após discutir as impressões dos alunos sobre o Mito, apresentaremos algumas questões orais para ajudá-los a identificar algumas das características do Mito que versa sobre a criação do Milho, como autoria da escrita, os grafismos e o elemento surpreendente.

Em seguida, abriremos a discussão para permitir que todos os alunos comentem sobre essas características do Mito. Eles serão questionados: na escrita fica evidente a autoria, observe as palavras ou frases que denotam a escrita do texto; o que você percebe nas ilustrações, pinturas e cores? Esses gráficos ilustram como a história está progredindo, não é? Pedirei aos alunos que façam comentários sobre a temática.

A lenda tem um caráter maravilhoso, sobrenatural elemento exclusivo do universo cultural Apinajé. Considere isso e chame a atenção para qualquer coisa confusa no texto.

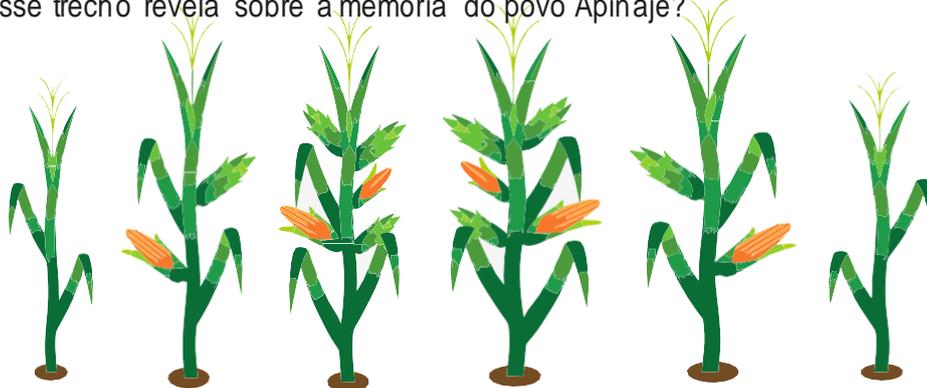


### TERCEIRO MOMENTO

Sugerimos perguntas para que os alunos pensem sobre questões relacionadas aos Mitos, como memória, apreciação da natureza e costumes religiosos. Nós, então, discutiremos coletivamente esses tópicos depois disso. O narrador diz logo no início da primeira parte da lenda, que “Os nossos pais falam...” Ao ler essa expressão, você acha que a lenda está ligada apenas ao passado ou continua presente na memória do povo indígena Apinajé? A lenda apresenta a valorização do Milho. O que a valorização desse alimento significa para a cultura Apinajé?

No segundo parágrafo da lenda, o narrador fala que o milho surgiu da tristeza de um homem que tinha perdido sua esposa e com isso pediu para não ficar mais isolado e sozinho no mundo e com isso que uma estrela viu todo o sofrimento daquele homem e se transformou em um alinda mulher e veio para trazer felicidade para ele.

Que aspecto da cultura Apinajé é possível identificar nesse trecho da lenda? O que esse trecho revela sobre a memória do povo Apinajé?





QUARTO MOMENTO

Após a discussão de alguns temas relacionados aos Mitos, lançamos algumas questões aos alunos para suscitar possíveis reflexões sobre a cultura indígena Apinajé, como identidade e alteridade indígena.

Após a reflexão e a pesquisa, abrimos espaço para que todos compartilhem seus pensamentos sobre a cultura deste povo, levando em consideração a pertinência das questões sugeridas. Cada aluno é livre para expressar suas opiniões em discussão com seus colegas e com o professor.

Após o período de interação, iniciamos os questionamentos da Sequência;

Será que o Mito retrata uma imagem do indígena como uma pessoa real, concreta ou alguém com uma imagem idealizada, oculta ou distante da realidade, ou isso é somente ilustrativo? A lenda introduz o milho, alimento básico da cultura indígena Apinajé. A região onde você mora tem uma cultura que inclui a cultura do milho? Com base em sua leitura do Mito, escolha um trecho que demonstre uma das características de identificação do indígena Apinajé, como ser agricultor. Nesse ponto, recomendo que procurem pesquisar sobre a etnia Apinajé.

A diferença é o respeito pela outra pessoa e sua cultura. Você acredita que um aspecto da identidade indígena é a alteridade. **Comente.**





# 3

## Como se Originou a Mandioca

O objetivo da leitura e do texto do Mito é identificar suas características, refletir e discutir questões relacionadas com as culturas indígenas.

**D**uas aulas estão programadas para acontecer no tempo estipulado; Textos de referência: Mito Como se Originou a Mandioca; O tema sugerido para possíveis discussões é “memória e identidade indígena”; Estratégias de organização espacial do auditório: em um semicírculo.

### PRIMEIRO MOMENTO

Estamos iniciando a distribuição das amostras dos textos para nossa dinâmica. A próxima sugestão foi a leitura silenciosa. Após a leitura, conversamos com os alunos sobre as sensações que tiveram durante a leitura. Relatos orais dos alunos sobre o texto lido e foram feitos comentários sobre as questões colocadas, sendo as respostas registradas no caderno do aluno em sala de aula.

**LEITURA DO ROTEIRO** - Orientação: Prezados alunos, após a leitura do Mito, apresentamos algumas questões que acreditamos servirão de ponto de partida para suas reflexões sobre o texto e para interações entre vocês. As observações podem ser feitas verbalmente, mas as respostas são escritas no caderno.

Será pedido aos alunos que depois de refletir e debater com seus colegas, siga o formato abaixo: Que emoções a leitura do Mito da origem da mandioca despertou em você? Estranhamento? Inquietação? Distanciamento das culturas? Curiosidade? Alteridade?





#### SEGUNDO MOMENTO

**Caro Professor(a)**, preste bastante atenção no que os alunos dizem sobre suas impressões iniciais sobre o texto. Depois disso, fizemos algumas perguntas aos alunos oralmente para ajudá-los a identificar questões a respeito de algumas temáticas presentes no mito e as ilustrações que estão incluídas na leitura. Em seguida, discutimos esses aspectos juntos.

Durante a leitura, procure palavras ou frases que remetam a temática indígena no texto; O que você vê nos desenhos, pinturas e cores? Os gráficos demonstram como a história está sendo contada. Comentário.

#### TERCEIRO MOMENTO

Depois da socialização sobre características das lendas e do mitos, propomos questões a respeito de algumas temáticas presentes no mito, como a valorização da natureza e elemento surpreendente. Em seguida, discutimos esses aspectos, coletivamente.

Por que a lenda apresenta vários desenhos de animais, fogo, indígenas, peixes, de animais? O Mito descreve como surgiu um alimento que pertence ao fantástico do Tembê e que faz parte da cultura desse Povo. Que mistério é esse? Mitos ou Lendas que apresentam mistérios fazem parte, também, da cultura onde você mora?

#### QUARTO MOMENTO

Após a discussão de algumas características da lenda da mandioca, lançamos algumas questões para estimular a reflexão sobre a cultura indígena Tembê, incluindo questões sobre identidade, alteridade e memória indígena. Depois disso, nós compartilhamos as reações dos alunos diante do tema abordado em sala de aula.

Dê a todos a chance de expressar suas opiniões sobre a cultura Tembê, levando em consideração a relevância das questões colocadas. Cada aluno tem a oportunidade de discutir suas opiniões com seus colegas e com o professor.

Depois da nossa conversa, fechamos os questionamentos sobre o Mito elencado. Após esse momento o professor deve instigar os seus alunos com perguntas para enriquecer a dinâmica, começo com alguns questionamentos:

Um dos desenhos do mito retrata uma indígena grávida com desenhos pelo corpo, segurando sua barriga que carrega seu filho, essa indígena representa a identidade do povo Tembê? Pense nisso e comente; b) Alteridade é respeito ao outro e à cultura do outro. Diante do texto que você lê, reflita e comente, quem seria esse outro, diferente de cada um de nós? O que faz o mito Tembê resistir ao tempo e se manter presente na cultura desse povo é lembrar. Identifique uma passagem no mito que apoie essa afirmação.





# 4

## Como Surgiu o Fogo

A sequência expandida tem como objetivo exercitar a leitura literária, reconhecer características do Mito e fazer com que nós possamos refletir sobre temas culturais da etnia caiapó: mudou?

**D**uas aulas estão programadas para serem realizadas no tempo previsto; O texto de referência incluem Como Surgiu o Fogo; O tema sugerido para possíveis discussões é " identidade e alteridade indígena "; Estratégias de organização espacial da sala de aula, em semicírculo.

Estamos começando a distribuir as amostras do Mitos em folhas de papel sulfite com o texto para ser lido e posteriormente ser trabalhado. A próxima sugestão é a leitura silenciosa. Após a leitura, conversamos com os alunos sobre os sentimentos que foram despertados ao longo da aula.

Imediatamente depois, apresentamos algumas perguntas para estimular possíveis reflexões sobre as culturas indígenas; Relatos orais do texto em discussão e comentários sobre as questões levantadas necessitam ser registradas no caderno em sala de aula.

### PRIMEIRO MOMENTO

Serão dadas instruções verbais a todos: Prezados alunos, após a leitura do Mito, faremos algumas perguntas que servirão de base para sua reflexão sobre o texto e para interação entre os alunos, mas para socializar as respostas são necessárias anotações escritas nos cadernos que utilizamos para nossas atividades sobre a temática indígena. Na reflexão tente fazer com que os alunos sejam protagonistas e interajam com seus colegas, Questões propostas: Que emoções a leitura do mito despertou em você? Alienação? Inquietação? Distanciamento das culturas? Curiosidade? Alteridade?





SEGUNDO MOMENTO

Discutimos as experiências dos alunos e pedimos que cada um compartilhasse suas observações sobre os sentimentos que eles tiveram ao ler o Mito. A seguir, discutimos algumas características dos mitos e lendas, valendo-nos de nossa leitura do Mito, incluindo algumas características dos mitos como a autoria coletiva e os grafismos presentes no texto.

Identifique na metáfora quaisquer palavras ou expressões que apontem para o editor do texto, autoria, do que o texto está enfatizando no texto. O que você vê no texto lido? pinturas e cores? Os grafismos nos mostram detalhes da história? Comente.

SEGUNDO MOMENTO

Após a troca de pontos de vista sobre as qualidades evidenciadas no Mito, propomos que os alunos reflitam sobre questões pertinentes aos temas apresentados no Mito, com o elevação do mistério, alteridade e identidade caiapó.

Em seguida, discutimos coletivamente alguns tópicos que serão elencados pelo professor durante essa apresentação: No início do mito, o narrador diz que um Caiapó foi deixado no ninho de araras porque não soube como pegá-las como era o costume, portanto deixou-o para trás, o que significa esse gesto na visão do povo Caiapó?

No último parágrafo do mito, o narrador fala que o animal que ficou responsável para carregar o fogo foi a anta, pois era muito pesada a tora que estava o fogo e somente ela conseguiria trazer até a aldeia, com isso o povo Caiapó passou a assar seus alimentos.

A partir da leitura e conhecimento da criação do fogo, em sua opinião, mudou o modo de vida do povo Caiapó? Comente.

É um mito da tradição Caiapó sobre a origem do fogo e conta a história de um menino que é adotado por um pai onça. A criança passa um tempo com o pai onça, que lhe presenteia com o calor do fogo e também o ensina a caçar e a manejar o arco-e-flecha. O pai onça permite que o menino retorne aos Caiapós, seu verdadeiro povo e promete que lhe ensinaria a fazer o fogo. Em sua opinião, com relação à leitura do mito indígena Caiapó, nós podemos nos ver hoje sem o uso do fogo?





QUARTO MOMENTO

**S**ugerimos algumas perguntas como orientação para ajudar os alunos a socializar o conhecimento que aprenderam por meio de sequências expandidas.

Que emoção esses mitos despertaram em você? Com qual mito você mais se identificou e por quê? Depois de ler os mitos, o que você acha que eles têm em comum? Agora que você tem algum conhecimento sobre mitos, a leitura continuou da mesma forma ou mudou? A leitura sobre os mitos indígenas após a mudança permitiu que você veja a cultura indígena de uma perspectiva diferente?

A partir das sequências didáticas ampliadas, os alunos poderão vivenciar novas construções discursivas (THIÉL, 2013, p. 1188). Para o ensino de literaturas indígenas no contexto da educação, os processos acima devem ser ativados com o objetivo de formar leitores multiculturais competentes.

Com essa inclusão da literatura indígena em sala de aula, abrimos portas para estudos sobre temas como a história dos povos indígenas na construção de nosso país, sua representação na literatura brasileira, o caráter literário dessa obra, seu significado político e propostas educativas baseadas em seus textos. Entre outras coisas, nossa sequência ampliada contou com a apresentação de três mitos de autoria indígena que enfatizam e trazem alusões sobre a produção literária crescente dessa literatura que pode ajudar o profissional a embasar sua prática docente, bem como servir de uma proposta que exemplifique para os docentes uma alternativa para utilizar a leitura literária em sala de aula.







## Word Cloud - Nuvem de Palavras

É um dos tipos de perguntas mais populares da Mentimeter. Basta que seu público envie palavras para que a **word cloud** cresça e se expanda no slide.

Word Clouds são ótimos se você deseja que seu público responda com uma ou duas palavras, ou para enfatizar palavras mais populares. O ideal é que as respostas sejam curtas - se você deseja respostas mais longas, sugerimos usar nossas [perguntas de resposta livre](#) (Open Ended Questions).

### Como criar Word Clouds

Para criar uma Word Cloud com a Mentimeter:

1. Crie um novo slide
2. Escolha Word Cloud
3. Adicione sua pergunta

E é isso! Agora seu público pode [enviar respostas à Word Cloud](#).

### Configurações adicionais

Você pode escolher o número máximo de vezes que cada participante pode enviar palavras. Observe que duas palavras separadas por um espaço contam como uma.

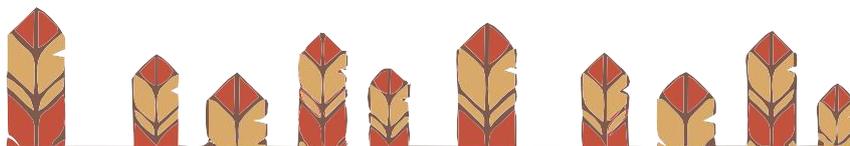
Caso palavras inadequadas sejam enviadas pelo seu público, você pode utilizar o [filtro de profanação](#) para remover o conteúdo indesejado no seu Word Cloud.

Se deseja que o público envie múltiplas respostas, é possível configurar sua apresentação para que votem mais de uma vez do mesmo dispositivo.

### As respostas no Word Cloud

Quando uma resposta é enviada a mesma aparece no slide como no exemplo abaixo. À medida que mais respostas são enviadas, as palavras mais populares aparecem maiores.

Aos iniciantes que ainda não conhecem o aplicativo vamos seguir com um tutorial, vamos ao Google e digitar <https://www.mentimeter.com>, após irá abrir a plataforma do aplicativo, a partir desse momento o aplicativo irá pedir que façamos o login ou criar uma conta para fazer login quando for usar a ferramenta. Abrindo o aplicativo irá aparecer as opções de trabalho na aba lateral esquerda: Aqui nós iremos escolher a nuvem de palavras, como é visto na imagem abaixo.



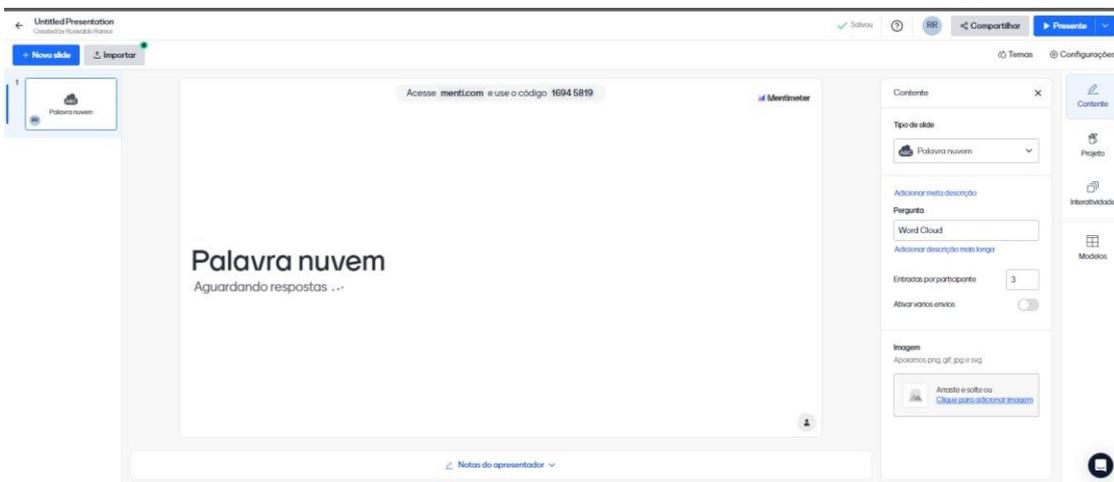


## Print 1



## Print 2

Nessa imagem podemos notar que selecionamos a nuvem de palavras e marcamos quantas respostas por discentes queremos coletar.





### Print 3

Aqui o professor poderá selecionar qual informação quer coletar dos alunos.



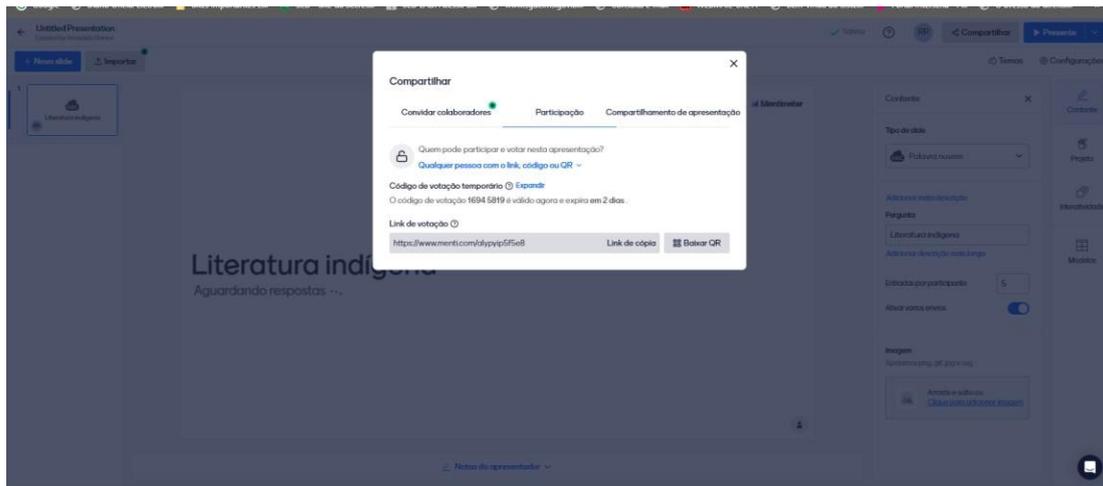
### Print 4

Nesse momento podemos verificar que a palavra central é Literatura Indígena e na aba lateral direita que está pedindo uma nuvem de palavras e quantas respostas quer dos alunos, assim os alunos irão responder o que entendem em 5 palavras o que é literatura indígena.





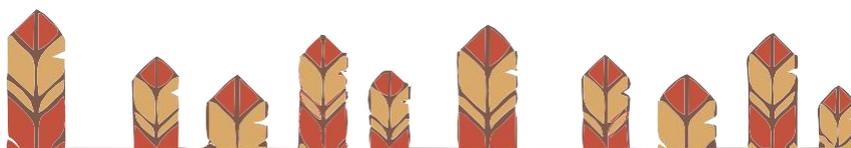
**Print** **5**  
O próximo momento na imagem é como compartilhar com os alunos, o docente pode optar ou gera um código QR CODE ou compartilhar o link para os alunos via celular.



**Print 6**  
No próximo momento o aplicativo gera um QR CODE que o discente fará a leitura com o celular e com isso poderá responder em 5 palavras o que foi indagado durante a explanação do professor.



[Click to download an image](#)





## Print 7

Nessa imagem podemos verificar como é a visualização que chega no celular do aluno e com isso ele poderá responder o que está pedindo a atividade. Depois de respondidas as perguntas o aluno envia e assim formará a nossa nuvem de palavras sobre a literatura indígena.



Mentimeter

Literatura indígena

Insira uma palavra 25

Insira outra palavra 25

Insira outra palavra 25

Insira outra palavra 25

Insira outra palavra 25

Você pode enviar várias respostas

Enviar

Create your own Menti at [menti.com](https://www.menti.com)

Terms

AA menti.com

## 2. **Expandindo o horizonte de expectativas:** Roda de leitura e conversa sobre os mitos: **Como surgiu o milho; Como surgiu a mandioca; Como apareceu o fogo.**

A obra *Como surgiu: mitos indígenas brasileiros* é escrita em capítulos independentes. Assim, podemos formar grupos, e cada um pode ficar com um capítulo.

Após a leitura, podemos escolher um ou vários representantes para contar a história, em forma de roda de conversa.





1. Antes da leitura levante hipótese sobre o que sugere o título da obra.

2. Durante a leitura, atente a: Para quem a obra é escrita (possível interlocutor).

- ✓ Quem narra o texto?
- ✓ Temas, estilo de vida e pensamento do povo indígena retratado no texto.
- ✓ Seleção de frases significativas.
- ✓ Principais informações que podem ser destacadas?
- ✓ Palavras-chave do texto.
- ✓ Desenho, símbolos... que podem representar o texto

3. Após a leitura e apresentação de todos os grupos faça seu próprio fichamento, e para essa finalidade, registre as principais ideias do texto. Enquanto você lê e, depois, escuta os alunos, faça apontamentos.

Nesse momento, você pode estar se perguntando o que é um fichamento. O fichamento bibliográfico nada mais é que um resumo da obra lida, ele pode conter citação direta, indicando trechos do livro na ficha de citação, ou pode conter sua análise, ou seu próprio resumo sobre o texto.

Dessa forma, fazer um fichamento nada mais é do que colocar em fichas o conteúdo que deseja retirar da obra, uma espécie de resumo dos tópicos ali expostos, para que, em caso de necessidade não tenha mais que voltar a olhar todo o material, bastante que se confira as fichas para achar as ideias necessárias.

Como fazer um fichamento passo a passo:

Para fazer passo a passo, é necessário que a produção seja elaborada na estrutura de um

fichamento e formatação adequada. Entendemos ser comum ter algumas dúvidas com relação a como elaborar esse trabalho, por isso separamos alguns passos para você se ater antes de elaborar seu fichamento.

#### **Passo 1**

Primeiro passo antes de iniciar é compreender o fichamento, entender do que se trata e para que é utilizado, feito isso seguiremos adiante.

#### **Passo 2**

Escolha o melhor tipo de fichamento para sua necessidade, reveja os tipos que demonstramos acima.

#### **Passo 3**

Verifique as regras da ABNT antes de iniciar.

#### **Passo 4**

Consulte fichamentos de outros autores antes de iniciar o seu, para se ter uma base.

#### **Passo 5**

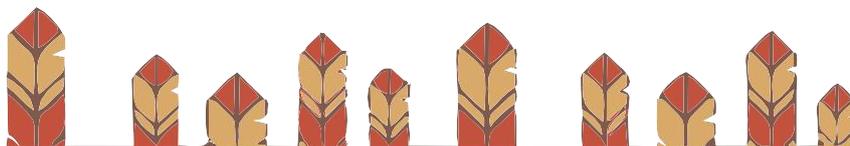
Leia completamente o material antes de iniciar o fichamento dele, certifique-se de que entendeu o conteúdo.

#### **Passo 6**

Destaque os tópicos fundamentais.

#### **Passo 7**

Coloque as referências dos autores utilizados.





## Exemplos de fichamento

### Ideias Pedagógicas no Brasil, de Demerval Saviani

Traz uma discussão provocativa sobre as ideias pedagógicas no Brasil. Saviani argumenta que a melhor abordagem da educação é a humanista, não instrumentalista. Ele ressalta que a abordagem instrumentalista da educação mudou pouco nos séculos

Obra: Como surgiu: mitos indígenas brasileiros;

Autor: Daniel Munduruku

Ilustrador: Rosinha Campos

Editora: [CALLIS](#) Ano: 2011, 1ª ed.

3. **Rompendo o horizonte de expectativas:** Mapa Conceitual: uma estratégia de prática pedagógica.





O ato de ler não se reduz apenas como decodificar palavras ou frases, nem mesmo encontrar informações explícitas no texto, a de compreender as entrelinhas, bem como apreender aquilo que o texto realmente pretende transmitir. Assim, o ato de ler precede o ato de ensinar que não pressupõe apenas elencar informações a serem efetivamente transmitidas, mas buscar metodologias, ferramentas e estratégias que intensifiquem a apreensão e a compreensão do objeto estudado, chamado comumente de conteúdo. Nesta perspectiva, o mapa conceitual surge como uma possibilidade de estratégia e ferramenta que poderá ser utilizada por professores de componentes curriculares distintos, no intuito de se extrair da leitura sua essência de maneira ilustrada e possivelmente, mais atrativa aos olhos de professores e alunos. Assim, surge a proposta de formação em mapas conceituais que podem ser criados manualmente, através das ferramentas de edição de textos, tais como *Word* e *Write*, ou com o auxílio de programas específicos para este fim facilmente encontrados na *web*. E é a este último que esta proposta irá se ater, uma vez que oferece recursos próprios destinados a cada finalidade de mapa conceitual e elementos para ilustração fáceis de serem manuseados. E podemos fazer de um software que todos os docentes poderão manusear com facilidade, que é o “*Free Mind*”, e que funcionam em qualquer sistema operacional, o que facilita a aplicabilidade desta metodologia nas escolas estaduais.

Os mapas conceituais podem ser utilizados como metodologia de síntese e fixação do objeto estudado em distintos componentes curriculares, pois requerem de seu autor a leitura eficaz de diversas fontes a respeito do conteúdo abordado. Para Silva (sem paginação):

Mapas Conceituais são estruturas esquemáticas que representam conjuntos de ideias e conceitos dispostos em uma espécie de rede de proposições, de modo a apresentar mais claramente a exposição do conhecimento e organizá-lo segundo a compreensão cognitiva do seu idealizador. Portanto, são representações gráficas, que indicam relações entre palavras e conceitos, desde aqueles mais abrangentes até os menos inclusivos. São utilizados para a facilitação, a ordenação e a sequenciação hierarquizada dos conteúdos a serem abordados, de modo a oferecer estímulos adequados à aprendizagem.





Logo, a criação de mapas conceituais exige do autor um processo de leitura e pesquisa eficientes, uma vez que para Pires (367):

O mais importante é saber selecionar as leituras evitando a sobrecarga informacional, o que resultará num melhor aproveitamento na obtenção da informação. Assim, conclui-se que a prática da leitura é fundamental para a construção de um indivíduo com melhor senso crítico.

Desta maneira, o mapa conceitual utilizado como prática pedagógica pode trazer aos educandos benefícios relacionados ao processo de leitura, pesquisa e autoria, proporcionando aulas que exijam maior interação professor-aluno, atribuindo ao professor o papel de mediador entre aluno e objeto de estudo, pois para Moreira (1997, pág.03):

É possível traçar-se um mapa conceitual para uma única aula, para uma unidade de estudo, para um curso ou, até mesmo, para um programa educacional completo. A diferença está no grau de generalidade e inclusividade dos conceitos colocados no mapa. [...] O conteúdo curricular está contido em fontes de conhecimento tais como artigos de pesquisa, ensaios, poemas, livros. Mapas conceituais podem ser úteis na análise desses documentos a fim de tornar adequado para instrução o conhecimento neles contido. Considera-se aqui que o currículo se refere a um conjunto de conhecimentos. Sendo assim, a análise da estrutura do conhecimento implica a análise do currículo e o mapeamento conceitual pode ser um instrumento útil nessa análise.

No entanto, há de se fazer a distinção entre mapa conceitual e mapa mental, a fim de evitar possíveis equívocos, que poderão acarretar problemas na aplicação desta estratégia em sala de aula, uma vez que os mapas conceituais são construídos coletivamente (em uma aula, reunião, trabalho escolar) ou dizem respeito às ideias coletivas ou compartilhadas. Já o mapa mental refere-se às construções realizadas individualmente, são, portanto, pessoais.

#### **OBJETIVO GERAL**

Fazer os nossos alunos criarem um mapa conceitual sobre seu entendimento do que é a literatura indígena.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Utilizar o mapa conceitual como estratégia de síntese de leitura e pesquisa.
- Propor a criação de mapas conceituais como estratégia de prática pedagógica para a compreensão e apreensão dos conteúdos mediados pelo professor.
- Propor leitura e pesquisa como função antecessora à criação do mapa conceitual.





## CONTEÚDOS

Conceito de leitura.

Conceito de mapa conceitual.

## RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que os alunos façam um mapa conceitual em que a literatura indígena seja o foco central.

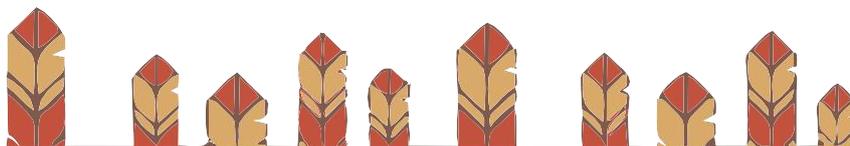
## REFERENCIAL TEÓRICO

PIRES, E. A. N. **A importância do Hábito de ler na universidade**. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/846/pdf>> Acesso em: 02/04/2018 às 17:22.

MOREIRA, M.A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. 1997. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>> Acesso em: 26/03/2018 às 17:18.

SILVA, A.L. S da. **Mapas conceituais no processo de ensino-aprendizagem: Aspectos teóricos**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/mapas-conceituais-no-processo-de-ensino-aprendizagem-aspectos-teoricos/>> Acesso em: 20/04/2018 às 15:30.

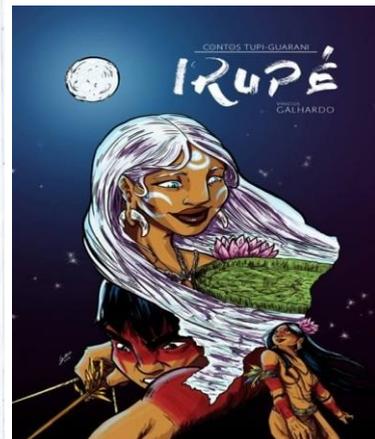
FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983. (Coleção Polêmicas do nosso tempo.) p.11-24. Disponível em: <http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/A+IMPORT%C3%82NCIA+DO+ATO+DE+LER++PAULO+FREIRE>> Acesso em: 02/04/2018 às 10:35





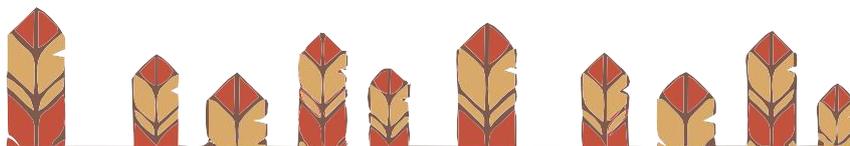
4. **Ampliando o horizonte de expectativas:** História em Quadrinhos como ferramenta de avaliação no processo de ensino- aprendizagem.

Utilização de história em Quadrinhos como ferramenta de avaliação no processo de ensino- aprendizagem da literatura indígena. Na ampliação dos horizontes o tem como objetivo geral avaliar a elaboração de histórias em quadrinhos (HQs) como ferramenta de avaliação do ensino aprendizagem do conteúdo apresentado que versa sobre a temática indígena, realizada com 20 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino do município de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. Neste sentido, para embasamento da dinâmica foi utilizada a teoria da aprendizagem significativa. Para a coleta de dados foram serão elaboradas histórias em quadrinhos pelos alunos participantes das atividades de aplicação das sequências didáticas.



A análise de desempenho da ferramenta avaliativa foi realizada por meio de parâmetros previamente elaborados. Os resultados obtidos revelam que a HQ, além de fazer parte do cotidiano dos alunos, apresenta-se como uma ferramenta eficaz, podendo ser utilizada para avaliar os discentes de forma qualitativa, contribuindo para que o professor consiga detectar se a aprendizagem ocorreu de maneira significativa. As HQs permitem a manifestação da aprendizagem por meio de diferentes linguagens além de abrirem espaço para a criatividade. Os resultados apontados concordam com a ideia de que a avaliação vai além do que a realização de provas e atribuições de notas e visa sempre à melhoria da qualidade da aprendizagem.

A maior parte das atividades propostas pode ser realizada durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Alguns questionamentos, pesquisas, leituras extras, etc., podem ser realizadas em outro momento





## CONSIDERAÇÕES FINAIS



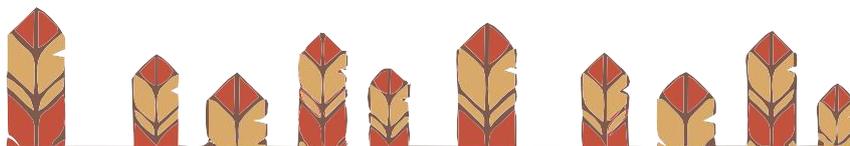
A literatura indígena, aprendida em sala de aula, carrega lições importantes sobre a diversidade racial e cultural do país. A escola deve desenvolver programas para promover o respeito às culturas indígenas e ao reconhecimento de seus autores. Essa importância do reconhecimento é vital para a expansão das obras de autores indígenas em todas as escolas brasileiras para que todos possam lê-las e estudá-las.

Nessa perspectiva, o descobrimento de outros textos, de outra cultura diferente da nossa, com outros saberes, nada mais faz do que ampliar o conhecimento do mundo favorecendo a interculturalidade do aluno. Assim, testemunharemos a autonomia pessoal, o exercício da cidadania e, assim, o conhecimento do colonizado, do outro e de sua cultura. Vamos atuar democraticamente e ter uma posição de não julgar apenas por preconceito que considera somente o que é belo, essa postura é o que chega do estilo europeu que sobrecarregou os povos indígenas de estereótipos.

O trabalho em sala de aula neste contexto intercultural exige que o praticante entenda a especificidade da escrita indígena. Cagnetti e Pauli (2015) esclareceram em Trilhas literárias indígenas para a sala de aula, que a linguagem dessa literatura se distancia daquela à qual estamos acostumados ao ler obras de origem não indígena. É como seguir os pensamentos do narrador no fluxo de recontar uma história. Às vezes uma história, às vezes uma cultura, às vezes um autor e seu ambiente.

Dessa forma, é necessário que os profissionais estejam preparados e embasados teoricamente para tal prática, já que o planejamento de pesquisas com textos de autores indígenas necessita de suporte teórico. Assim, o objetivo desta literatura não é apenas oferecer uma leitura diferente, mas também para estudá-lo em todo o contexto de produção.

A existência da lei 11.645/08, que determina que a disciplina de história e cultura afro-brasileira e indígena seja implantada nos currículos das escolas brasileiras, visa, assim, preencher essa lacuna de desconhecimento da literatura.





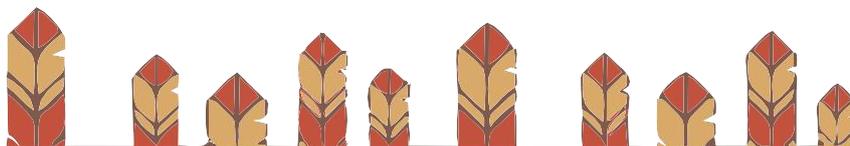
Portanto, fica claro que passamos pela colonização e o que nos restou foi o pensamento de colonialidade, e conforme Santos, em Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, “Hoje, a luta contra a exploração/dominação implica, sem dúvida, em primeiro lugar, o engajamento na luta pela destruição da colonialidade do poder, não só para terminar com o racismo, mas pela sua condição de eixo articulador do padrão universal do capitalismo eurocentrado” (SANTOS, 2009, p.113).

O trabalho sobre a diversidade cultural e o respeito às relações étnico-raciais na escola reconhece que a sociedade é heterogênea, ou seja, as peculiaridades e diferenças de cada povo ou comunidade devem ser estudadas “para oferecer à escola a oportunidade de estudar essa multiplicidade de visões de mundo, crenças e valores culturais e linguísticos” (CAGNETI, PAULI; 2015, p. 14), por lei, essa teoria deve ser praticada em sala de aula.

A literatura local contém diversidade textual que ajuda os escritores a enriquecer suas obras. Enquanto isso o mundo do conhecimento é vasto e as crianças indígenas e não-indígenas começam a se identificar com seus ancestrais e com sua história, a também respeitá-los e conhecê-los. A influência cultural indígena que persiste na sociedade é resultado do esforço dos povos que lutam para preservá-los. Essas histórias da vida real são escritas em livros nativos para jovens e adultos jovens mostrar. Preservando sua história oral. Com isso, torna-se necessário aumentar a leitura da literatura indígena em sala de aula para elucidar sua visão sobre o povo indígena brasileiro.

No artigo 26 da Lei nº 9934 de 1996, fica evidente que no ensino de História devem ser enfatizadas as contribuições das matrizes indígenas nos campos sociais, econômicos e políticos relevantes para a história (BRASIL, 1996).

Como tal, deve ser incluída e estudada nos espaços institucionalizados do saber. A circulação de textos produzidos pelos índios na escola constitui a primeira etapa de promoção da diversidade de seus conhecimentos e escritura. Para que sejam percebidos e interpretados segundo seus critérios de validação, letramentos adequados precisam ser desenvolvidos para a compreensão desses textos (THIÉL, 2012, p. 98)





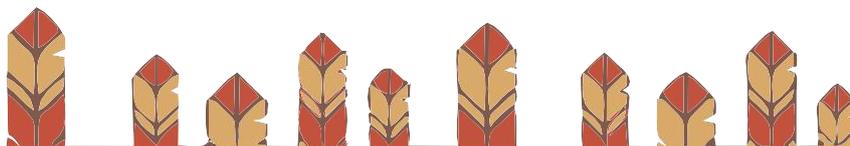
Assim, o desenvolvimento do letramento literário, compreende a diversidade dos textos indígenas e capacidade de análise crítica desses recursos (THIÉL, 2012). Outro fator importante a ser trabalhado em sala de aula é a desconstrução da “descoberta” do Brasil, “por isso podemos repetir que o estudo da literatura indígena na escola não deixa mudar os significados determinados pela escola ao longo do tempo. ser índio, ser nativo do Brasil” (BORGES, 2016, p. 91). É recorrente na sala de aula esse tipo de ensino e é dentro dela que esse ciclo deve ser rompido, pois o que aconteceu há 500 anos não foi só a colonização e escravidão, foi também um massacre de toda a cultura que os indígenas experienciavam e viviam.

Os professores contribuem para a descolonização do currículo escolar e para a reflexão dos alunos ao introduzir os textos de autores indígenas em sala de aula. E, assim, conhecer a diversidade das etnias presentes no Brasil.

A listagem de possíveis métodos de uso da literatura indígena na aula de língua portuguesa do 9º ano será feita a partir da criação de uma intervenção intercultural, na qual será trabalhada a aceitação da cultura de outras pessoas serão feitas conversas sobre as diferentes culturas a fim de desconstruir o colonialismo hierárquico que classifica os povos indígenas como inferiores, bárbaros e sem instrução.

Foi prazeroso levar a literatura mitológica indígena para a sala de aula. Já que é possível colocar em prática uma ampla variedade de atividades, como atividades gramaticais, formação de palavras, tipos de texto, encenação e criação de textos com temas míticos.

Dessa forma, mais do que propor estratégias metodológicas para o uso da literatura indígena nas disciplinas de língua portuguesa, apresentamos uma alternativa para reconhecer a riqueza étnico-racial de nossa sociedade. Entender uma obra indígena é mais do que decifrar códigos, é abrir os olhos para os saberes dos povos tradicionais, com um arcabouço de saberes produzidos ao longo dos séculos e reconhecer o valor da literatura indígena é desvendar um novo mundo no campo da literatura brasileira.





## REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1.ª a 4.ª série – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Tarsila Couto de; SOUSA FILHO, Sinval Martins de; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O Averso do Direito à Literatura: por uma definição de Literatura Indígena. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 53, p. 177-197, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/ijelbc/a/v8Mq5p4P6j9vRKVMXJ5WjPC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24.03.2023.

CAGNETTI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. Trilhas Literárias indígenas para a sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4ª. ed. reorg. pelo autor. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1986.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, R. A literatura em todo lugar. In: Círculos de Leitura e Letramento Literário. São Paulo: Contexto, 2014.

DIEGUES, Douglas. O visconde e a formiga. Eutomia, Recife, v. 17, 1, p. 1-6, jul. 2016.

DORRICO, Julia. Literatura Brasileira Contemporânea Indígena. Criação, Crítica e Recepção. Porto Alegre, RS, 2018.

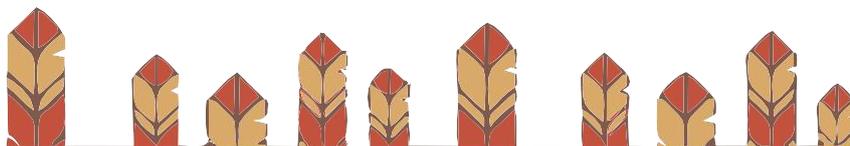
DORRICO, Julie. Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora, 2019.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, Aline; SILVEIRA, Naira. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. TransInformação, v. 26, n. 1, p. 67-76, Campinas. 2014.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Marisa Lajolo (org.). São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia: o cotidiano do professor. FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.





GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JACOB, Livia Penedo. As duras penas: o índio na literatura e a literatura indígena. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:  
[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_c4be8a3ce9b277f855131d207f9166a8](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_c4be8a3ce9b277f855131d207f9166a8) Acesso em 22 mar., 2023.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura, literatura e escola – sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MUNDURUKU, Daniel. Meu avó Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. Como surgiu: mitos indígenas brasileiros?. 32 p. Editora: Callis, 2011.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo movimento indígena brasileiro (1970- 1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. Coisas de Índio: um guia de pesquisa. São Paulo: Callis Ed., 2010.

RAMALHO, Sérgio Gonçalves. Leitura literária de Lendas Indígenas. Dissertação ( Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana, 2020.

ROJO, Roxane. A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCN. São Paulo: EDUC, 2000.

SANTOS. Boaventura Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social: Revista de Sociologia, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 2009.

SOUZA, Lorena Faria de. Literatura Negra e Indígena no Letramento Literário: um estudo sobre a identidade leitora de alunos do ensino fundamental II. Mestrado profissional em Letras – Prof Letras. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2015.

THIÉL, J. C. 2013. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Educação e Realidade, v. 38, n. 4, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. Literatura e pedagogia: ponto e contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, EZEQUIEL Theodoro da.. 2ªed. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

